

Cuidado com as armadilhas kafkianas

Escrito por Wendy McElroy | 09 Janeiro 2016



O termo *kafkatrapping*¹ (“armadilha kafkiana”) descreve uma falácia lógica que é popular no feminismo, nas políticas raciais e outras ideologias de vitimização. Ela ocorre quando você é acusado de um “crime de pensamento”², tais como o machismo, o racismo ou a “homofobia”. Você reage com uma discordância honesta que é logo utilizada para reforçar sua culpa. Agora você está preso em um círculo vicioso e irrefutável; nenhum acusado pode ser inocente pois a estrutura da armadilha kafkiana exclui essa possibilidade.

O termo deriva do romance “O Processo”, de Franz Kafka, no qual um inexpressivo funcionário de banco chamado Josef K. é preso; nenhuma acusação é revelada ao personagem ou ao leitor. Josef é processado por um tribunal bizarro e tirânico de autoridade desconhecida e condenado por uma burocracia impenetrável. No final, Josef é sequestrado por dois homens estranhos e inexplicavelmente executado com uma facada no coração. “O Processo” é uma visão de Kafka sobre os governos totalitários, como a União Soviética, cuja justiça é transformada em uma paródia amarga e horripilante que serve apenas aos que estão no poder.

A armadilha kafkiana transforma a razão e a verdade em imitações que servem aos ideólogos da vitimização que desejam evitar as provas e argumentos baseados na verdade. O termo parece ter sua origem em um artigo de 2010 escrito por autor Eric S. Raymond, que também é um defensor de “softwares open-source”. Ele começa reconhecendo o valor da igualdade perante a lei e de tratar os outros com respeito. Porém, ele nota que “boas causas às vezes podem ter consequências negativas”. Uma dessas consequências é que as táticas utilizadas na conscientização podem se tornar “assustadoras e patológicas, tomando emprestadas as características menos sensatas da evangelização religiosa”.

Raymond oferece vários modelos de como a armadilha kafkiana opera. Ele chama os dois mais comuns de A e C.

Modelo A: O acusador diz: “Sua recusa em reconhecer que você é culpado de (pecado, racismo, machismo, “homofobia”, opressão...) confirma que você é culpado de (pecado, racismo, machismo, “homofobia”, opressão...)”. Voltando seu olhar ao livro “O Processo”, Raymond explica como o enredo do romance faz um paralelo entre os fundamentos e propósitos da falácia do acusador. Nenhum motivo específico é mencionado na acusação, o que torna o argumento irrefutável. A acusação imprecisa constitui um crime de pensamento, o que também a torna irrefutável. Assim como no romance, esse processo parece ter sido projetado para criar acusações e destruir a defesa de modo que você se torne maleável. De fato, “a única saída ... é ... aceitar a própria destruição”. Mesmo que você seja inocente, o único caminho para a redenção é que você se declare culpado e aceite ser punido. O ideal, para o acusador, é que você mesmo acredite na sua própria culpa.

O Modelo C é uma variante comum do mesmo tema. Você pode não ter feito, sentido ou pensado nada de errado, mas você ainda é culpado por se beneficiar de uma posição privilegiada criada por outros. Em outras palavras, você é culpado por pertencer a certos grupos, tais como “homem”, “branco” ou “heterossexual”. A acusação faz de você um responsável pelas ações de estranhos cujos comportamentos você não pode controlar e que talvez tenham morrido há muito tempo. Raymond escreve: “O objetivo ... é produzir uma espécie de culpa indefinida ... uma convicção do pecado que possa ser manipulado pelo operador [acusador] para fazer com que o sujeito diga e faça certas coisas que são convenientes aos objetivos pessoais, políticos ou religiosos

do acusador”. Para obter a salvação, você deve deixar de discordar do seu acusador e condenar todo o grupo a que você pertence.

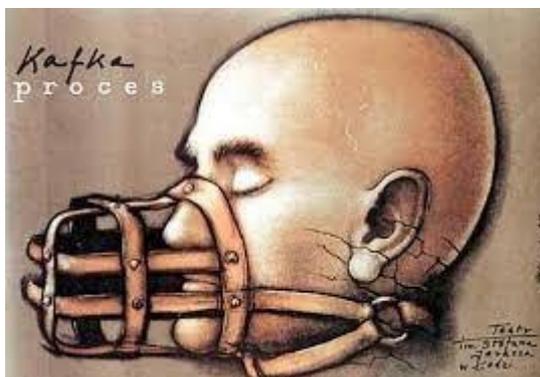


O que acontece quando um acusador confronta alguém do mesmo grupo de identidade a que ele ou ela pertence? Por exemplo, uma mulher pode questionar aspectos do feminismo politicamente correto apresentados por outra mulher. Aí ocorre um fenômeno totalmente diferente. Obviamente, aquela que fez a pergunta não será incentivada a se penalizar por ser uma mulher ou a condenar todas as mulheres. Em vez disso, ela será definida como alguém de fora do grupo.

Essa é chamada de falácia do “Escocês de Verdade”³. Ela ocorre quando alguém é confrontado com um exemplo que refuta uma acusação universal. O filósofo britânico Antony Flew descreveu a falácia, a qual também nomeou. Um dia, Hamish McDonald lê um artigo no jornal *Glasgow Morning Herald* que informa sobre um ataque de um maníaco sexual na Inglaterra. Hamish exclama em voz alta: “Nenhum escocês faria uma coisa dessas!” No dia seguinte, o jornal relata um ataque ainda pior na Escócia. Em vez de rejeitar sua declaração inicial, Hamish declarou: “Nenhum escocês de verdade faria uma coisa dessas.” Deste modo, as mulheres conservadoras como Sarah Palin não são mulheres de verdade; negros que questionam a autenticidade das teorias do privilégio dos brancos deixam de ser vistos como negros de verdade.

Existem outras técnicas geralmente associadas à armadilha kafkiana. (Nota: para que uma tática possa ser uma armadilha kafkiana de verdade, ela tem de envolver uma acusação irrefutável.) Dentre as técnicas que podem ser usadas para torná-lo culpado, incluem-se:

1. Solicitar uma definição clara daquilo a que você está sendo acusado — por exemplo, "homofobia";
2. Apontar uma injustiça cometida pelo grupo do acusador;
3. Aplicar um padrão único a todos, por exemplo, recusando-se a aceitar que os negros não podem ser racistas;
4. Demonstrar ceticismo sobre qualquer aspecto do vitimismo ideológico, incluindo a não aceitação de evidências pitorescas;
5. Ser ignorante ou desinteressado no assunto;
6. Argumentar contra a ideologia;
7. Dizer “alguns de meus melhores amigos são X.”



A armadilha kafkiana aparenta ser uma situação vantajosa para um acusador. À curto prazo, isso pode ser verdade, mas seu impacto à longo prazo pode ser devastador.

Um movimento se torna bastante comum quando sua premissa é verdadeira – ao menos em boa parte – e sua exigência por justiça é válida. Por exemplo, os homossexuais foram abusados brutalmente ao longo de grande parte da história. Quando um movimento deixa de lado a honestidade e a justiça que possibilitaram seu crescimento e, em vez disso, comete ataques abusivos, começa a entrar em decadência. O abuso também anula qualquer discussão produtiva sobre problemas reais. Raymond observa: “as formas manipuladoras para controlar as pessoas são propensas a esvaziar suas causas

empregadas, sufocando qualquer objetivo digno que possa ter sido utilizado de início e reduzindo-os a meros veículos na obtenção de poder e privilégios sobre os demais”.

Um problema diferente surge se o acusador acredita honestamente na armadilha kafkiana. No caso de uma mulher que crê que todos os homens são opressores, é provável que não possa cooperar de boa-fé com eles para resolver os problemas sociais. Ela é mais propensa a buscar uma posição de domínio sobre os homens, a que ela justifica em nome de uma legítima defesa ou como uma compensação que lhe é devida. Isso aumenta a tensão entre os sexos e impede as tentativas sinceras de resolver os problemas. Um verdadeiro e fanático *kafkatrapper*⁴ (“aquele que elabora ou utiliza uma armadilha kafkiana” em tradução livre) torna-se cada vez mais isolado das pessoas que ele enxerga como “o inimigo” apenas por discordarem; o verdadeiro fanático fica cada vez mais incapaz de se comunicar ou até mesmo de ter empatia por um amplo espectro de pessoas. O seguidor da armadilha kafkiana “vence” a discussão, mas perde em sua natureza humana.

Notas:

¹ Segundo o site [Dicio](http://www.dicio.com.br/kafkiano/)*, o termo “Kafkiano” é um adjetivo derivado do nome Franz Kafka (1883-1924), um famoso escritor austríaco nascido na cidade de Praga, na Áustria-Húngara. A obra de Kafka é imensamente conhecida por sua tendência em explorar um ambiente totalmente confuso, irreal, ilógico e surreal, ou seja, tão absurdo que revela-se um pesadelo aos leitores. *<http://www.dicio.com.br/kafkiano/>

² Termo inventado por George Orwell em seu livro, 1984, *crimepensar* (‘crimethink’) ou *crime de pensamento* (‘thoughtcrime’) é o termo que define o pensamento desaprovado pelo governo. Veja mais em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Thoughtcrime> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Crime_de_pensamento

³ Para mais explicações sobre a falácia e sua origem, ver em: www.suafalacia.com.br/escoces-de-verdade/ https://pt.wikipedia.org/wiki/Expuls%C3%A3o_do_Grupo

Como a palavra “*Trapper*” significa caçador em inglês, pode-se deduzir que “*kafkatrapper*” seja ‘alguém que elabore ou utilize’ “armadilhas kafkianas”, termo que foi mencionado anteriormente, já na primeira nota de tradução.

Link original: <http://www.thedailybell.com/editorials/35550/Wendy-McElroy-Beware-of-Kafkatrapping/>

Tradução: **Catarina Valadares**

Revisão e Notas: **Felipe Galves Duarte/Jonatas**